

Foucault, Canguilhem

e a arqueologia do saber

Georges Canguilhem
Michel Foucault: morte do homem
ou esgotamento do *Cogito?*


Edições Ricochete

Aruanã Antonio dos Passos

Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG-Jussara). Autor de *Leviatã no sertão: crime, justiça e violência no interior do Paraná (1910-1940)*. Curitiba: Juruá, 2012. aruanaap@yahoo.com.br

Foucault, Canguilhem e a arqueologia do saber

Foucault, Canguilhem and the archeology of knowledge

Aruanã Antonio dos Passos

CANGUILHEM, Georges. *Michel Foucault: morte do homem ou esgotamento do Cogito?* Tradução Fábio Ferreira de Almeida. Goiânia: Ricochete, 2012, 32 p.



Em 1980 era publicado no *Le Monde*, um dos mais respeitados jornais da França, uma curiosa entrevista. Nela se omitia a identidade do entrevistado, apenas referido como destacado nome da cultura francesa de então. Intitulada *O filósofo mascarado*¹, ela se manteve envolta em mistério até a morte do personagem. Tratava-se de Michel Foucault, que justificou a “máscara” da seguinte forma: “Por que eu escolhi o anonimato? Pela nostalgia do tempo em que, sendo de fato desconhecido, o que eu dizia tinha alguma chance de ser ouvido. Com o leitor eventual, a superfície de contato era sem arestas. Os efeitos do livro surgiam em lugares inesperados e delineavam formas nas quais eu não havia pensado. O nome é uma fatalidade”.²

Nome como fatalidade. Morte do autor. Morte do homem. A polêmica tese, tão discutida em *As palavras e as coisas* (1966), tomava forma na entrevista concedida por Foucault naquela ocasião. Renegar a identidade de autor consagrado, de figura eminente no campo intelectual, naquele momento, significava um pouco mais de ar. Significava a liberação das convenções sociais e civis que representam o nome de autor – desejo enunciado na introdução d’*A Arqueologia do saber* (1969), obra dedicada a rebater as críticas feitas ao livro *As palavras e as coisas*. Assim, a morte dessa convenção social simboliza a própria morte de uma representação que articula palavras e coisas, o real e suas significações possíveis.

Mas o que buscava Foucault ao omitir sua identidade? Possivelmente evitar qualquer tipo de julgamento ou preconceito diante do que queria dizer: “lá vem Michel Foucault, com todo o seu trololó sobre poder, disciplina, aquela velha história de arqueologia etc. etc.”. Num momento de seu percurso em que revia radicalmente suas posturas teóricas e reformulava sua *História da sexualidade* (tomo I: 1976), tudo que ele não desejava era ser mal compreendido. Incompreensão ou perplexidade também marcaram a recepção da obra de Foucault. Inúmeras foram as polêmicas e os debates que ela gerou entre seus contemporâneos. Não é à toa que o episódio da entrevista no *Le Monde* nos lembra de que há cinquenta anos a produção intelectual de Foucault continua a suscitar as mais diversas reações, usos, abusos e – por que não? – deformações.

Em torno da recepção dos escritos foucaultianos, acaba de ser lançado trabalho que certamente contribui para nosso entendimento desse universo intelectual. Trata-se de texto de Georges Canguilhem publicado na revista

¹“O filósofo mascarado” (entrevista concedida a C. Delacampagne, fev. 1980), *Le Monde*, 6 abr. 1980: *Le Monde-dimanche*, p. I e XVII. Há tradução disponível em FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento* 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

²FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 300.

Critique em julho de 1967 e intitulado *Michel Foucault: morte do homem ou esgotamento do Cogito?* Com tradução de Fábio Ferreira de Almeida, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG), e apresentação de José Ternes, docente do mesmo departamento da UFG e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – especialista no pensamento do filósofo francês –, é uma publicação cuidadosa das Edições Ricochete. Além do interesse evidente para a compreensão tanto da obra quanto do pensamento de Foucault – e também de Canguilhem –, o texto, até então inédito no Brasil, traz à tona um dos enfrentamentos mais importantes na carreira de Foucault: a recepção e as repercussões de *As palavras e as coisas*.

Canguilhem ressalta o assédio sofrido pelo autor por meio das opiniões frente ao novo. Nos idos dos anos 1960, quando Foucault passou a ser reconhecido no campo intelectual e político como importante figura, sua obra assumiu as mais diversas posições nessa área, sendo objeto de debates e críticas nem sempre honestas. Se a tese de doutorado sobre a loucura dera voz à Foucault na academia francesa, gerando as mais diversas reações entre filósofos e historiadores, *As palavras e as coisas* lançaram-na na opinião pública de forma definitiva: programas de TV, rádio, jornais, debates públicos, começaram a tomar conta da agenda de Foucault. Mas a que se deve o sucesso do livro? Canguilhem nos esclarece. Vejamos.

Dividida em dois eixos (teórico e político), a análise de Canguilhem joga luz sobre o estranhamento e as reações que ela suscitou por estabelecer como paradigma uma referência que vislumbra a tradição espanhola de Cervantes, Borges, Picasso e Velásquez. Esse deslocamento de perspectiva assume posição radical na percepção de Foucault em torno da tese da morte do homem e da noção de *episteme*. Canguilhem defende que essa percepção de Foucault é fruto de uma lucidez que o fez enxergar aquilo para o que muitos foram cegos: “é difícil ser o primeiro a dar um nome a uma coisa, ou pelo menos dispor os signos da coisa para a qual se propõe um nome” (p. 13). A essa coisa nova Foucault chama *episteme*, cuja definição é o caminho para que se entendam as dimensões da tese da morte do homem.

O que nos diz Canguilhem sobre a noção de *episteme*? Primeiramente, o período clássico (séculos XVII e XVIII) é caracterizada pelo deslocamento da emergência de uma nova gramática geral. A *episteme* passa a se definir como uma rede geral de pensamento de determinada época. Assim, a questão fundamental para o arqueólogo é: “o que é falar?” Nova virtude do pesquisador aparece no discurso de Canguilhem. Além da originalidade e coragem em desvelar uma percepção radical frente a uma tradição de pensamento que elegeu como lugares privilegiados de enunciação o humanismo, a fenomenologia, o estruturalismo, a dialética, Foucault aparece aqui como capaz de reconhecer que não possui resposta à questão fundamental que encontrou na *episteme* moderna. Como sintetiza Canguilhem: “estamos aqui diante de um explorador e não de um missionário da cultura moderna” (*idem*).

Talvez aqui tenhamos uma pista preciosa para compreender a forma agressiva com que a obra de Foucault foi recebida em alguns círculos. Num momento em que estruturalismo e marxismo reinavam quase que hegemônicos nos principais guetos intelectuais, a postura de Foucault em reconhecer que as dimensões da investigação transcendem o próprio sujeito do conhecimento (o pesquisador) e a constatação de que a morte do homem como objeto dos saberes contemporâneos – consequentemente, a

³Para maiores detalhes sobre a tensão entre Foucault e os sartreanos, ver ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.102-110.

emergência do fim das ciências humanas – poderia ocorrer com a próxima mudança de *episteme* colocaram em xeque lugares de poder consolidados. Dessa maneira, Foucault “se propôs mostrar quando e como o homem pôde se tornar um objeto de ciências, assim como aconteceu com a natureza nos séculos XVII e XVIII” (p. 24).

Contra esse “grande perigo” encarnado tanto pela obra quanto pela postura de Foucault, dois dos nomes mais destacados do pensamento do século XX se levantaram: Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir invadiram a opinião pública e criticaram de modo contundente as análises de Foucault. Acusaram-no principalmente de renegar a história. Nesse contexto, as considerações de Canguilhem surgem para equilibrar essa conta e responder à altura a essas críticas. Após entrevistas do casal e um romance publicado por Beauvoir no qual dois personagens debatem a tese de Foucault, Canguilhem sai de sua reserva habitual e adentra o debate em defesa de Foucault, já que, para certa vertente do pensamento de esquerda, *As palavras e as coisas* representava a “ideologia dos tecnocratas”.³

Ao contrário dessas críticas, Canguilhem demonstra que as pistas e hipóteses formuladas lançadas por Foucault não constroem uma visão a-histórica. Antes podemos vislumbrar que “a sucessão descontínua e autônoma das redes de enunciados fundamentais interdita toda ambição de reconstituição do passado ultrapassado” (p. 15). Assim, a crítica dos sartreanos de que a obra mandaria a história “passear” revela, na verdade, a falta de entendimento do procedimento metodológico da arqueologia. Em vez de relegar qualquer análise a um sistema preconcebido, datado e gasto, Canguilhem mostra que a história, como a toma Foucault, causa escândalo, porque “a história hoje é uma espécie de campo mágico no qual se identificam, para muitos filósofos, a existência e o discurso, os atores da história e os autores de histórias, repletos de *a priori* ideológicos” (p. 17). Quantos historiadores ainda hoje em suas obras não incorrem nesse mesmo erro? Certamente, para romper com essas posições dadas “é preciso ter lido muito do que não leram os outros”, ou seja, como frisa Canguilhem, lançando farpa contra Beauvoir, “ele não cita nenhum dos historiadores desta ou daquela disciplina e só se refere a textos originais que dormiam em bibliotecas. Falou-se de ‘poeira’. E de fato. Mas, assim como a camada de poeira sobre os móveis indica a negligência das faxineiras, a camada de poeira sobre os livros indica a frivolidade das escritoras” (p. 20).

Em outro grande momento do texto, quando se avança da análise política – que responde às críticas ideologizantes dos sartreanos e da esquerda humanista – à teórica, Canguilhem questiona o fato de alguns discursos serem absorvidos por determinada *episteme* e outros não. O que está em jogo é a norma relacionada à institucionalização dos discursos “consagrados” de certa *episteme*. Dessa forma, muitos pensadores contemporâneos viveriam um “sono antropológico” – para utilizar o termo de Foucault – ao acreditarem numa “segurança tranquila com a qual os promotores atuais das ciências humanas tomam como objeto dado aí antecipadamente para seus estudos progressivos o que, de início, era apenas seu projeto de constituição” (p. 29). E aqui entrevemos, com ajuda da brilhante percepção de Canguilhem – que compara a obra de Foucault no campo das ciências humanas ao que representou a *Crítica da razão pura* de Kant para as ciências da natureza –, quase de imediato a imagem de Foucault que desponta em momentos de insegurança e dúvida: zombador, metálico, estridente, des-

sacralizador de verdades imutáveis, especialmente o conceito “empírico-metafísico de homem”.

O leitor que se aventurar nesse belo trabalho de Canguilhem perceberá indubitavelmente todo eco desse som estridente que expressa a vida e a obra de Foucault e que nas páginas desse breve texto soa tão vivo hoje quanto no calor do intenso debate intelectual daquele longínquo julho de 1967.



Resenha recebida e aprovada para publicação em dezembro de 2012.